

O CAMPO NA PERSPECTIVA DOS RURAIS: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS COMO INDICADORES DAS MUDANÇAS NOS MODOS DE VIDA DA POPULAÇÃO QUE VIVE NO CAMPO

Nayhara Gomes¹
Ana Louise Fiúza²
Neide Pinto³
Paula Cristina Remoaldo⁴

Resumo

Ao se observar, na atualidade, as paisagens do campo de norte a sul do Brasil, percebe-se uma evidente expansão dos padrões de vida urbana para as populações rurais, seja nas moradias, pousadas e espaços destinados ao turismo rural, na presença das motos e carros circulando pelas estradas, no acesso ao celular e outras tecnologias da informação e comunicação, como, ainda, nos padrões de consumo, inclusive, de alimentos. Este estudo objetivou analisar a forma como essas mudanças nos modos de vida dos rurais eram percebidas por eles próprios, guiando-se por uma estratégia comparativa acerca das diferenças e confluências que os mesmos percebiam em termos do modo de vida de citadinos e rurais. O estudo utilizou uma metodologia de caráter cross-sectional, com a aplicação de 94 questionários semi-estruturados, em um pequeno município de economia cafeeira, localizado na Zona da Mata mineira. As respostas abertas obtidas foram tratadas no *software* de análise textual, Alceste. Os resultados obtidos mostraram que na avaliação dos entrevistados “a vida de hoje” era percebida como tendo melhorado em relação à do passado. As representações não apontaram para a percepção de qualquer segregação socioespacial por parte dos rurais, que se sentiam parte da cidade e interpretavam as melhorias na vida no campo como agregadoras de aspectos significativos da sua integração à vida cidadina, como se observou por meio das representações relativas ao estudo e ao consumo. Todavia, a vida no campo também foi avaliada como sendo marcada por aspectos negativos, como aqueles associados ao trabalho e à infraestrutura viária.

Palavras-chave: Representação social; Rurais; Campo; Cidade.

THE FIELD IN THE RURAL PERSPECTIVE: THE SOCIAL REPRESENTATIONS AS INDICATORS OF THE CHANGES IN THE WAYS OF LIFE OF THE POPULATION WHO LIVES IN THE FIELD

Recebimento: 17/4/2018 • Aceite: 1/6/2018

¹ Mestre em Extensão Rural pela Universidade Federal de Viçosa. Doutoranda da Universidade Federal de Minas Gerais – MG. E-mail: nayhara_martins@yahoo.com.br

² Doutora em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG, Brasil. E-mail: louisefiúza@ufv.br

³ Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora da Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG, Brasil. E-mail: nalmeida@ufv.br

⁴ Doutora em Geografia pela Universidade do Minho. Professora da Universidade do Minho, Braga, Portugal. E-mail: premoaldo@geografia.uminho.pt

Abstract

When we look at the landscapes of the countryside from the north to the south of Brazil, there is a clear expansion of the urban living standards for the rural populations, whether in the dwellings, inns and spaces destined to rural tourism, in the presence of motorcycles and cars circulating on the roads, access to cell phones and other information and communication technologies, as well as consumption patterns, including food. This study aimed to analyze how these changes in the rural ways of life were perceived by them, guided by a comparative strategy about the differences and confluences that they perceived in terms of the way of life of city and rural people. The study used a methodology of cross-sectional character, with the application of 94 semi-structured questionnaires, in a small municipality of coffee economy, located in Zona da Mata, Minas Gerais. The open answers obtained were treated in the textual analysis software, Alceste. The results showed that in the interviewees' evaluation "life today" was perceived to have improved over that of the "past". The representations did not point to the perception of any socio-spatial segregation on the part of the rural ones. They felt part of the city and interpreted the improvements in rural life as adding significant aspects of their integration into city life, as seen through representations of "study" and consumption. However, rural life was also assessed as being marked by negative aspects, such as those associated with "work" and road infrastructure.

Keywords: Social representation; Rural; Field; City.

Introdução

O estreitamento das relações estabelecidas entre o campo e a cidade pode ser observado por meio de vários fenômenos hodiernamente corriqueiros, tais como: o desenvolvimento da pluriatividade nas famílias de agricultores (Ocupações Rurais Não Agrícolas); o aumento dos deslocamentos entre o campo e a cidade; a ampliação do acesso por parte dos rurais a serviços públicos de educação, saúde e aos benefícios sociais; o crescente consumo de bens materiais e imateriais, tal como meios de transporte e as tecnologias da informação e comunicação (celular, telefone rural, internet e televisão), os eletrodomésticos, dentre outros. Essas mudanças acarretaram a incorporação de novos valores, hábitos e práticas por parte dos rurais, alterando os respectivos modos de vida. Diante disso, o presente artigo pretendeu analisar as representações sociais manifestadas pelos habitantes do campo diante da realidade vivenciada no espaço rural por meio de evocações espontâneas e reflexivas. Nas primeiras, os rurais não tinham que responder de forma imediata às perguntas que lhe eram feitas. Enquanto, nas inquirições reflexivas, os entrevistados tinham tempo para formular suas respostas.

Os resultados obtidos foram analisados pelo *software* Alceste, complementada por análise de conteúdo. A análise do imaginário construído pelos rurais sobre o campo possibilitou compreender a forma como esse espaço se configurava no seu modo de vida e no seu cotidiano, expressando as necessidades sentidas e os aspectos positivos que justificavam a permanência nele. Para isso, seguiu-se o mesmo procedimento adotado por Placide Rambaud (1973) em sua pesquisa realizada na França. Além da opinião imediata dos rurais acerca das vantagens e das desvantagens relativas ao campo, solicitou-se aos respondentes um julgamento reflexivo, com tempo para manifestarem o seu nível de concordância face às assertivas a eles apresentadas sobre questões relacionadas à vida no campo. O artigo está dividido em quatro seções. Na primeira, apresenta-se a concepção teórica de representação social, particularizando autores que trataram especificamente sobre o campo e sobre a cidade. Em seguida, descrevem-se os percursos metodológicos relativos ao uso do *software* Alceste, utilizado para a compreensão das representações dos rurais acerca da sua imagem do campo. Por fim, na última seção, evidenciam-se as principais conclusões deste trabalho.

O imaginário social rural

O tema das representações sociais é vasto e complexo para ser encerrado nos limites desta seção. Por isso, pretende-se explorar alguns dos aspectos cruciais que envolvem as representações sociais realizadas pelos rurais acerca da cidade, bem como as principais implicações em curso desse fenômeno social subjetivamente construído. Os primeiros estudos sobre representações surgiram com Émile Durkheim, sob a denominação de representações coletivas. Durkheim (1994) enfatizou a

primazia do pensamento social em relação ao individual. A perspectiva teórica de Durkheim foi aperfeiçoada por Serge Moscovici e Denise Jodelet. Segundo Duveen (2004, p.16), Moscovici (2010) em seu instrumental teórico e epistemológico transcendeu as fronteiras da Psicologia Social, entendendo as representações sociais como um conjunto de conceitos, proposições e explicações criados na vida cotidiana. Nesse sentido, Serge Moscovici difere da visão original de Durkheim, porque o primeiro concebe as representações sociais como um tipo de criação coletiva.

Moscovici (2010, p. 34-36) analisou a especificidade dos fenômenos representativos nas sociedades contemporâneas caracterizadas pela intensidade e fluidez das trocas e comunicações, pelo desenvolvimento da ciência, bem como pela pluralidade e mobilidade social. Segundo o autor, a representação social consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo, ao mesmo tempo, as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes. Isto ocorre porque as representações sociais contextualizam as pessoas e os objetos em um determinado lugar, ligando-os a determinados grupos e depois apresentam a estrutura nesse contexto. Para Serge Moscovici, o fato de o não familiar alarmar as pessoas e as comunidades, impele-as a tornar explícitos os pressupostos implícitos que são básicos do consenso (MOSCOVICI, 2010, p. 56).

As representações sociais constituem formas de conhecimentos socialmente elaborados, produzidas por grupos de indivíduos para se comunicarem e entenderem tudo aquilo que não lhes é familiar. Assim, a representação social nada mais é que afirmações e explicações originadas no decurso do cotidiano e no decurso das comunicações interindividuais. Para Jodelet (2001, p. 21), elas devem ser reconhecidas enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e que orienta, organiza as condutas e as comunicações sociais. Entretanto, elas intervêm em processos variados como a difusão e assimilação de conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais.

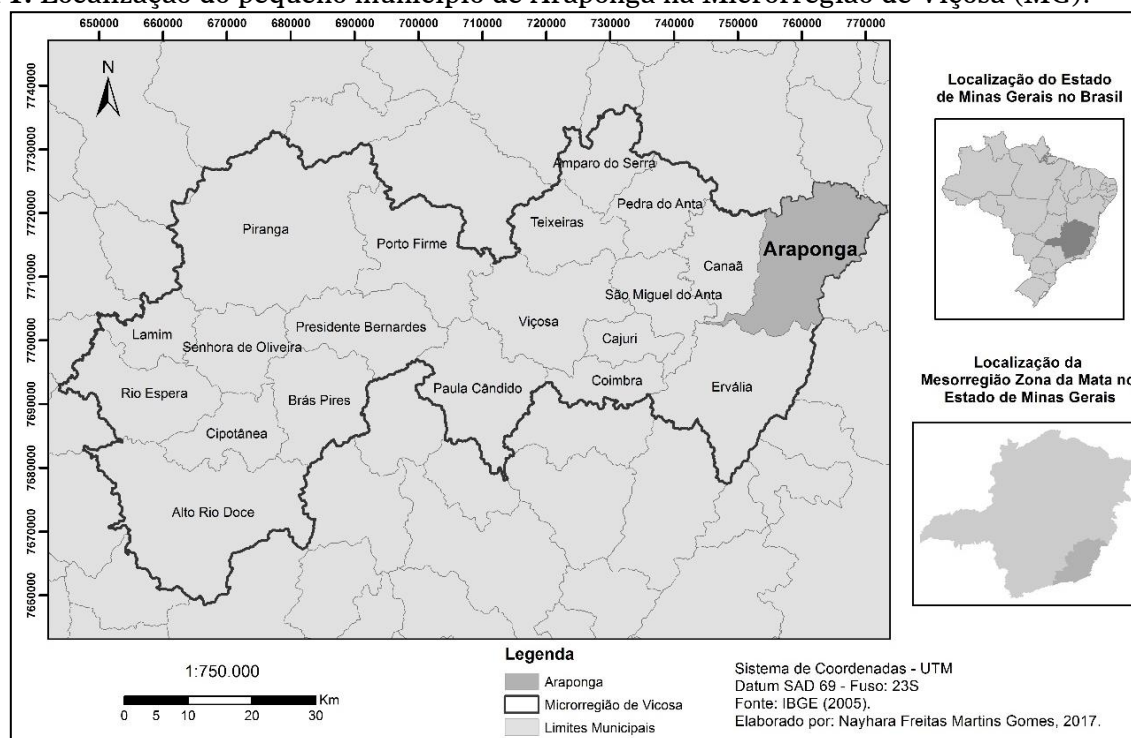
Para a autora, as representações sociais são abordadas como produto e processos de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e de elaboração psicológica e social dessa realidade. De fato, representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual um sujeito se reporta a um objeto. Dessa forma, a representação social é sempre a representação de alguma coisa e de alguém, em que as características do sujeito e do objeto se manifestam por meio da subjetividade do sujeito. Ou seja, a representação social tem com o seu objeto uma relação de simbolização e interpretação, resultado da construção e da expressão dos sujeitos. Nesse contexto, assumem-se como representações sociais os fenômenos complexos em ação na vida social e abrangem diversos elementos: informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões e imagens. Contudo, são organizados sempre sob a aparência de um saber que diz algo sobre a realidade. Em vias de conclusão, a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, que tem como objetivo prático a contribuição para a construção de uma realidade comum ao conjunto social. Também designada 'saber de senso comum' ou 'saber ingênuo', 'natural', distingue-se do conhecimento científico, que assume demasiada importância na vida social e na elucidação de fatos que possibilita o entendimento dos processos cognitivos e das interações sociais.

Ao tratar das representações sociais que os rurais manifestavam acerca do campo e da cidade, o sociólogo francês Placide Rambaud (1973), enfatizou que as mesmas expressavam a compreensão dos rurais em relação aos ditos espaços e evidenciavam o seu julgamento consciente das vantagens e das desvantagens presentes em cada um deles. Para Pereira (2004), essas imagens do campo e da cidade norteariam as relações que a sociedade rural estabelece com a cidade e consigo mesma, revelando os diferentes significados presentes no julgamento dos sujeitos. As representações sociais se constituem, enfim, em formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas e pressupõem uma forma de legitimação social acerca dos fenômenos e acontecimentos que nos rodeiam. Brandão *et al* (2014) advoga, ainda, que para os rurais, o campo enquanto um espaço social, é visto como um conjunto de significados associados às vivências e valores construídos ao longo do tempo. Nesse ínterim, a representação social tem com o seu objeto uma relação simbólica, ela pode substituí-lo, tornando-o presente quando o mesmo está ausente, mas, também, interpretativa, ou seja, conferindo-lhe significados e sentidos (JODELET, 2001).

Percursos metodológicos

Quanto aos objetivos propostos, este estudo pode ser classificado como cross-sectional, com a aplicação de questionários uma única vez a cada respondente. É ainda, descritivo-explicativo, por apresentar as diversas características relativas à realidade investigada e por evidenciar os fatores implicados nas representações espontâneas e reflexivas dos rurais. Portanto, empregou-se uma combinação de desenhos de pesquisa qualitativos e quantitativos para compreender esse processo social. A coleta de dados envolveu os habitantes do campo do pequeno município de Araponga (Figura 1), localizado na Zona da Mata e pertencente à microrregião de Viçosa, Minas Gerais. Este município foi escolhido em virtude de ter uma população inferior a 20.000 habitantes e possuir uma economia agrícola, tal como acontece com mais de 80% dos municípios brasileiros (VEIGA, 2004, p. 80). Adotou-se, neste estudo, uma amostra probabilística e representativa da população. Os indivíduos que a constituíram foram escolhidos por um processo em que todos os membros da população tinham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra. Dessa forma, a amostra representativa permitiu que os resultados fossem confiáveis para avaliar as características da população. Em um primeiro momento, para o cálculo da amostra, identificaram-se as unidades domiciliares rurais, por meio da consulta aos dados cadastrais disponibilizados pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) da Secretaria de Saúde de Araponga, Minas Gerais.

Figura 1: Localização do pequeno município de Araponga na Microrregião de Viçosa (MG).



O tamanho amostral foi definido conforme a fórmula da proporção finita de Bolfarine e Bussab (2005, p. 28), assumindo-se o erro de estimativa de 10% e 95% como grau de confiança. Assim, a amostra foi composta por 94 indivíduos. Os dados primários foram coletados por meio de um *Survey* com perguntas fechadas e abertas, sendo a unidade de análise o indivíduo, segmentado em faixas etárias e sexo. As questões abertas foram sistematizadas e submetidas a análises estatísticas no *software Alceste* Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto de análise quantitativa de dados textuais. O *software* se constitui em um método de estatística textual, que identifica a organização tópica do discurso. Para iniciar as análises no programa, o *corpus* relativo às questões abertas foi estruturado (desenvolvimento da linha de comando e retirada de pontuação). Ressalta-se que o *corpus* de análise é lido pelo programa por meio de cinco Unidades de Contexto Iniciais (UCIs) correspondente a cada indivíduo envolvido na pesquisa, com suas respectivas respostas. Durante a análise dos dados, o *software* realizou quatro etapas de processamento dos resultados: etapa 1: Leitura do Texto e Cálculo dos Dicionários; Etapa 2: Cálculo das Matrizes de Dados e Classificação das Unidades de Contexto Elementar (UCE); Etapa 3: Descrição das Classes de UCes; e, por fim, a Etapa 4: Cálculos Complementares. Após os resultados fornecidos pelo

software Alceste, os dados foram analisados com base na literatura e organizados na forma de quadros para evidenciar a relação de variáveis presentes em cada uma das classes. Posteriormente, selecionaram-se fragmentos dos *corpus* para exemplificar e reafirmar a síntese realizada em cada classe.

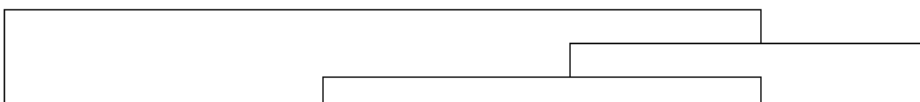
Resultados e discussões

A imagem espontânea do campo

Homens e mulheres de diferentes gerações expressaram, por meio da aplicação de um questionário semiestruturado, as suas satisfações, insatisfações, assim como as suas expectativas em relação ao campo. As indagações iniciais foram feitas ao buscar respostas imediatas, que revelassem a visão espontânea dos rurais acerca das questões propostas. O *corpus* de dados referente às vantagens e desvantagens do campo foi constituído por 282 UCIs (Unidades de Contexto Iniciais) que se referem aos dados relativos a três questões dirigidas aos 94 entrevistados. Após o processamento dos dados, totalizou-se 6.138 palavras analisadas, ficando o mesmo composto por 1.012 palavras diferentes, tendo, em média, seis ocorrências por palavra. Na análise, foram consideradas as palavras que apresentavam frequência igual ou superior à média e $X^2 \geq 3$. Após a redução dos vocábulos às suas raízes, foram encontradas 184 palavras analisáveis e 316 UCEs (Unidades de Contexto Elementares). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) aproveitou 75% do total das UCEs do *corpus*, organizando-as em quatro classes compostas pelas palavras mais representativas a partir do valor do qui-quadrado, e da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

O *corpus* sofreu duas partições a partir do processamento do *software Alceste*. A primeira partição originou duas aglomerações de classes, intituladas conforme as discussões propostas: a Classe 1, denominada ‘Vantagens do campo relacionadas à proximidade com a natureza e à atividade produtiva’; e a Classe 2, denominada ‘Desvantagens do Campo’. Esta última classe sofreu duas subdivisões, originando a Classe 3, relacionada a ‘Avaliação da vida rural frente aos tempos de antigamente’; e a Classe 4, denominada ‘Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e à instrução’. O Quadro 1 apresenta uma síntese das ideias centrais referentes ao campo, agrupadas em categorias semânticas gerais, a fim de fornecer uma visão mais ampla e integral dos significados. Embora possam apresentar contraposições no que se refere ao conteúdo que representam, as categorias significativamente mais frequentes possibilitam retratar os aspectos comuns encontrados em termos semânticos.

Quadro 1: Dendograma da Classificação Hierárquica



CLASSE 1 46 UCE 28%		CLASSE 3 38 UCE 16%		CLASSE 4 61 UCE 25%		CLASSE 2 74 UCE 31%	
Vantagens do campo relacionadas à proximidade com a natureza e atividade produtiva		Avaliação da vida rural frente aos tempos de “antigamente”		Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e a instrução		Desvantagens do campo	
Palavra / atributo	X ²	Palavra / atributo	X ²	Palavra / atributo	X ²	Palavra / atributo	X ²
Plantar	0,41	Mais fácil	0,52	Conforto	0,36	Saúde	0,34
Poder	0,40	Hoje	0,46	Terreno	0,34	Cidade	0,30
Água boa	0,36	Era mais difícil	0,33	Casa	0,33	Falta	0,28
Trabalhar	0,35	Sofrido	0,30	Moto	0,32	Médico	0,27
Milho	0,33	Antigamente	0,27	Carro	0,32	Roça	0,26
Colher	0,32	Melhorou	0,26	Estudar	0,31	Ruim	0,25
Espaço	0,32	Tempo	0,23	Moradia	0,30	Estrada	0,25
Feijão	0,32	Não tinha	0,23	Dificuldade	0,28	Precisar	0,23
Tranquilidade	0,30	Carne	0,22	Empregado	0,27	Mal	0,23
Natureza	0,29	Vida	0,21	A pé	0,24	Sair	0,22
Horta	0,28	Passado	0,20	Luz	0,23	Rua	0,22
Verdura	0,24	Condições	0,17	Geladeira	0,22	Sinal	0,21
Café	0,23	Povo	0,15	Roupa	0,21	Longe	0,20
Sossego	0,22	Alimentar	0,15	Televisão	0,18	Difícil	0,20
Fartura	0,21	Vestir	0,12	Condução	0,18	Emprego	0,19
Galinha	0,19	Antes	0,12	Meio de transporte	0,18	Vender	0,18
Não precisa comprar	0,19	Tinha muita dificuldade	0,12	Oportunidade	0,15	Festas	0,15
Viver	0,17	Trabalhar	0,10	Calçado	0,10	Comércio	0,15
Produzir	0,17	Comprar	0,09	Própria	0,10	Conseguir	0,14
Facilidade	0,14			Mudou	0,10	Dinheiro	0,12
Liberdade	0,13			Possuir	0,10	Chover	0,12
Não pagar água	0,13			Cavalo	0,10	Recurso	0,09
Família	0,12						
Lavoura	0,10						
Cuidar	0,09						

A Classe 1 ‘*Vantagens do campo relacionadas à proximidade com a natureza e atividade produtiva*’ envolveu 66 UCEs. Das 34 palavras analisadas, foram selecionadas 25 palavras, representando 28% do *corpus*. Essas palavras apresentavam elementos relacionados aos recursos sociais, bem como com a forma de viver no campo, integrando significados que evidenciavam uma sociabilidade rural marcada pela proximidade com a natureza, pelo sentido da boa convivência, valorizando a amizade e a solidariedade entre as famílias. Tal como Rye (2006) constatou, ao analisar o imaginário dos rurais em comunidades da Noruega, os resultados mostraram uma predominância de representações sociais vinculadas a um sentimento de pertença e por um forte espírito de cooperação.

No estudo de Anjos & Caldas (2014) e de Pereira (2004) que tratou das representações de campo e cidade, verificou-se que a imagem do campo por parte dos rurais estava ligada à vida simples, tranquila e harmoniosa e à família. Também na presente pesquisa, as categorias ‘tranquilidade’, ‘liberdade’, ‘sossego’, ‘viver’, ‘família’ e ‘cuidar’, caracterizavam o campo como um espaço relacionado à tranquilidade, à autonomia, à amplitude e à pureza:

A primeira coisa é a paz, a zona rural te oferece uma paz muito mais forte porque você convive com a natureza, ela te transmite esta paz. O oxigênio é também muito mais puro, a alimentação, você tem condição de você mesmo plantar e comer o alimento que você plantou, você sabe o que tem nele, são estas coisas. (Respondente 7, idoso, 64 anos).

A vida é mais tranquila, a gente planta e colhe de tudo, a gente vive mais sossegado, tem mais espaço para família inteira vir visitar. Para criar família também é bom, tem muito serviço para os filhos. (Respondente 62, idosa, 65 anos).

Os respondentes manifestaram a representação da vida no campo como sendo marcada por um modo de vida autossustentável e com autonomia em função da capacidade produtiva, as quais se revelaram em palavras como: plantar, poder, produzir, trabalhar, colher, milho, feijão, horta, verdura, café, galinha, fartura, lavoura, como pode ser observado nas narrativas que se seguem:

Tudo é vantajoso, na roça vive muito mais solto. Se a pessoa da roça plantar, ela colhe com fartura, tem tranquilidade, se a pessoa cuidar das coisas, ele não precisa comprar de tudo. O gasto é menor, o custo de vida é muito mais barato porque colhe de tudo. (Respondente 38, adulto, 46 anos)

A vantagem é que você tem a tranquilidade, você trabalha o dia que quiser, mantém a mesma coisa, colhe café, sempre tem reserva, economia. Não tem que bater cartão todo dia. Não compra verdura por que tem na horta, planta milho e feijão, dá para criar uns frangos de granja. (Respondente 42, adulta, 50 anos)

A Classe 1 evidencia, portanto, uma imagem do campo ligada à natureza, à autonomia, à harmonia, à boa convivência, contrapondo-se ao mundo artificial da cidade. Nesse mesmo sentido, Anjos (2014) e Rye (2006, p. 410) apontaram em seus estudos que uma das principais vantagens da vida no campo revelada na representação dos rurais era a ideia de proximidade com a natureza. Segundo Bonomo (2013), a atribuição de significados ao modo de vida rural colocava o campo em oposição à cidade. Enquanto o modo de vida rural era associado à convivência/liberdade/vida feliz, o modo de vida urbano era associado à vida sem liberdade e a vida ruim. Ressaltava-se, ainda, a valorização relacionada à atividade produtiva, concebida como assegurando a própria sustentabilidade, como pode ser observado na narrativa:

A gente colhe alimentos mais saudáveis. Se você for para cidade, você tem que ter uma preocupação danada para conseguir um alimento, tem que trabalhar mesmo e aqui não, se você não trabalhar, você se vira, come uma coisa ou outra que a roça oferece. Pra gente é mais fácil de sobreviver. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos)

Nesse contexto de elucidação dos aspectos positivos levantados pelos habitantes do campo, a classe 4 'Vantagens do campo relacionadas ao consumo, autonomia e a instrução' também se alinha a esses julgamentos. Essa classe envolveu 61 UCEs, com 51 palavras analisadas, significando 25% do *corpus*. Dessas foram selecionadas 22 palavras. As palavras significativas para esta discussão destacavam aspectos relativos ao consumo, a autonomia conquistada pelos rurais e a crescente instrução.

Outro aspecto interessante que emergiu na pesquisa foi referente à educação. Os rurais evidenciaram por meio do julgamento da maior acessibilidade à escola, o fato de se perceberem como parte integrante da vida cidadina. Se, por um lado, a manifestação positiva da vida no campo imperou sobre a cidadina; por outro lado, isso de forma nenhuma significou que eles não se sentissem parte da cidade. Ao manifestarem que a escola se tornou mais acessível a eles, evidencia-se justamente o fato de a perceberem, atualmente, como parte da sua vida, independente de estar situada no campo ou na cidade. Rambaud (1973) já havia percebido que os rurais viam a escola como a instituição que lhes possibilitaria alcançar um futuro melhor, ou seja, como parte integrante das suas vidas, principalmente, no que dizia respeito às novas gerações. Nesse sentido, o autor mostrava como a Cultura Urbana se expandia sobre o campo por meio da escola, integrando os rurais aos códigos hegemônicos, principalmente, no tocante à linguagem, que perdia gradativamente as suas características regionais. Na presente pesquisa, as palavras 'estudar' e 'oportunidade' também foram reveladas como relacionadas às melhorias que os rurais perceberam em suas vidas. As narrativas que se seguem revelam este aspecto:

No estudo era muito difícil, antigamente nem estudar a gente podia, não tinha condição nenhuma, se estudasse um, não podia estudar o outro. (Respondente 54, adulto, 37 anos)

De primeiro, estudar era coisa pra gente rica, pra criança estudar tinha que ir de pé, hoje tem condução que passa na porta, não estuda quem não quer, hoje a gente tem oportunidade de estudo. (Respondente 8, adulta, 51 anos)

Percebe-se assim que a acessibilidade ao estudo tornou a vida no campo melhor, no julgamento dos rurais. Ou seja, nas representações dos rurais acerca do estudo, percebe-se que para eles, viver no campo significa apenas demarcar positivamente o seu local de moradia dentro da cidade, em que vivem e se sentem parte. Ao sentir as conquistas advindas da cidade como parte integrante da sua vida, os rurais valoram essencialmente aspectos relacionados ao seu ambiente de moradia e de trabalho, guardando especificidades positivas em relação à vida e ao trabalho na cidade, tal como pode ser percebido nas seguintes imagens positivas que faziam do campo:

A vida melhorou, avançou muito, pelo menos em partes, meios de comunicação, locomoção, moradia, estrada, medicina, estas coisas tudo avançou, mas, talvez o respeito e a amizade do passado ganhavam muito do de hoje, esta é a diferença que tem do passado com hoje. Isto que eles tratam aí de qualidade de vida, que eu não sei se é, isto aí, melhorou muito. (Respondente 7, idoso, 64 anos)

Nossa, melhorou cem por cento! Antes a gente morava no terreno dos outros, morava de empregado, trabalhava muito e o rendimento era pouco. Hoje, a gente tem o terreno para trabalhar e a casa da gente mesmo. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Como pode ser observado, as falas revelam que na avaliação dos rurais entrevistados, considerou-se que foi a vida de hoje que melhorou em relação à do passado. Não existem cisões em termos da percepção do espaço de vida. A cidade, na representação dos mesmos, incorpora em suas vidas conquistas de acessibilidade, constituindo-se parte integrante do seu mundo, ainda que os mesmos avaliem que o campo, lugar onde vivem, tenha muitas vantagens em relação à cidade. Tanto como o estudo, tido outrora distante e hoje acessível, o consumo foi outro elemento que apareceu na representação dos rurais como fazendo parte de suas vidas, como observado pelas palavras: casa, conforto, moto, carro, luz, geladeira, roupa, televisão, condução, meio de transporte, calçado, cavalo, presentes nas narrativas dos rurais:

A gente tem oportunidade de vestir uma roupa melhor, não é que compra sempre, mas é assim, bem melhor. Igual a tecnologia, não é grandes coisas não, mas a gente tem oportunidade de ter um celular. Meus pais nunca tiveram, também eles não tinham televisão. As casas antigamente, raramente encontrava uma casa com um piso, hoje qualquer lugar que você vai, pode caçar uma casa que não tem piso, talvez não tem na casa toda, mas pelo menos, num banheiro, numa cozinha, num fogão tem. Igual pra secar café, hoje a maioria tem um terreiro de cimento para secar. Não tinha luz na época e meio de transporte deles era só a pé mesmo. Hoje a gente tem de tudo, tem conforto. (Respondente 3, jovem, mulher, 17 anos)

Antigamente a gente tinha que pular muito para sobreviver. Depois que o povo passou a tocar café, o dinheiro começou aparecer. O povo comprou moto, carro, reformou a casa, tem mais serviço para trabalhar. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos)

As coisas antigamente eram mais atrasadas, a pessoa não tinha nem chinelo pra botar no pé, hoje, menino nasce calçado. Todo mundo tem luz em casa, antes era na base de querosene. Hoje o povo tudo tem carro, moto e antes, os meios de transporte era carro de boi, charrete, ou senão ia a pé ou no lombo do cavalo. Hoje, todo mundo tem telefone, mesmo não pegando sinal. Todo mundo tem casa boa e confortável, povo come bem, porque antes, era difícil pra tudo, até pra comer. (Respondente 77, jovem, homem, 20 anos)

Também no que diz respeito à Classe 3, denominada '*Avaliação da vida rural frente aos tempos de antigamente*', que se apresentou como complemento da Classe 4, as palavras agrupadas nessa classe referiam-se ao posicionamento avaliativo dos participantes em relação ao campo, comparando a vida no passado e no presente. Para Bonomo (2013), o contraste mais forte não é o espacial, contrapondo campo e cidade, mas o temporal, com referências avaliativas entre a vida no campo no momento presente e no passado. Destacaram-se, nos resultados, termos como: mais fácil, hoje, era mais difícil, sofrido, antigamente, melhorou, tempo, não tinha, passado, condições, antes, tinha muita dificuldade - como mencionado nas narrativas dos respondentes a seguir:

Antigamente o pessoal sofria demais, as pessoas não tinham muito conhecimento nada, cultivavam as coisas, não tinha valor nenhum, o que dava, às vezes, era conta da despesa da casa. Tudo é mais fácil hoje em dia. Tenho minha moto, posso sair na hora que eu quero, tenho mais liberdade. Meu pai me dá oportunidade de trabalhar no terreno dele, mas não tenho que mear o que dá. Antes, não tinha televisão, celular, as casas antigamente eram tudo ruim, sem conforto nenhum. O povo vivia mais como empregado dos outros. (Respondente 29, jovem, homem, 21 anos)

Há tempos atrás era muita dificuldade, a família era grande, mal dava para sustentar todo mundo, a gente andava com roupa remendada, ganhada, comia o que dava em casa, nem cama direito tinha pra todo mundo, dormia amontoado. Ah hoje é diferente, antigamente o pessoal vivia muito mal, hoje em dia a pessoa veste melhor, come melhor, calça melhor, tem meio de transporte. Antigamente era a pé ou no lombo do cavalo, se quisesse. Hoje o povo tudo tem casa boa, celular, as coisas melhoraram demais. (Respondente 71, jovem, homem, 26 anos)

Hoje tá bem melhor, as coisas hoje, é muito fácil, algum tempo atrás era muito difícil, não tinha lugar de trabalhar a não ser no terreno dos outros, hoje tudo mundo tem seu pedacinho, rendeu lugar de trabalhar. Modo de morar, comer era tudo difícil, a vida de hoje tá bem mais fácil. Hoje, a pessoa trabalha e consegue o que quer, não tem dificuldade para ter as coisas. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

O julgamento de valor dos rurais acerca da vida no campo no presente e no passado foi ainda analisado, tomando-se como referência de mensuração uma escala do tipo *Likert* com valores gradativos de 1 a 5, em que 1 significava piorou muito e 5 melhorou muito. Os dados mostraram que 64,9% dos entrevistados acreditavam que a vida no campo melhorou em comparação com a vida de antigamente. Por outro lado, a Classe 2, nomeada de 'Desvantagens do campo' envolveu 74 UCEs, com 37 palavras analisadas, significando 31% do *corpus*, sendo selecionados 22 vocábulos relevantes para a constituição da classe. As informações coletadas apontaram uma série de problemas presentes no campo, que foram identificados pelos seus moradores, como marcado pela ausência de recursos e serviços necessários à vida no campo, principalmente, aqueles ligados à área da saúde:

Quando você passa mal na roça, se tiver muito ruim, até que chegue na cidade, é perigoso até morrer. (Respondente 9, jovem, homem, 15 anos)

Faltam recursos na área da saúde, quando precisa de médico com pressa, é difícil, tem que correr pra cidade. (Respondente 41, adulto, 44 anos)

Outros aspectos relacionados às debilidades da vida no campo se referiam à infraestrutura (condição das estradas, dificuldade de acesso à telefonia móvel, internet e à escassez de atividades ligadas ao lazer, como as festas). Pereira (2004) constatou em seu estudo que os rurais não deixavam de enfatizar as dificuldades de acesso a serviços para estudar, cuidar da saúde e de lazer. Rye (2006), ao analisar as imagens do campo que habitam o imaginário dos rurais, apontou a predominância de uma representação social que vinculava duas fortes imagens da vida no campo: a imagem idílica e a do tédio. Na visão desse autor, tais imagens não seriam propriamente contraditórias entre si, mas reciprocamente complementares. Contudo, diante dos que enfatizam uma imagem negativa, o campo ainda representa uma vida muito melhor do que a da cidade. A análise elencou as palavras: ruim, estrada, precisar, sair, sinal, longe, chover e festas:

As estradas são muito ruins, se você vai de moto ou a pé suja tudo de poeira, se tem barro é a mesma coisa. (Respondente 22, jovem, homem, 18 anos)

Não pega celular, não tem internet. (Respondente 23, jovem, mulher, 17 anos)

Não tem festa, quando tem, não presta, não tem nada para fazer, não tem mulher, falta emprego. (Respondente 49, jovem, homem, 15 anos)

O trabalho foi outro tema vinculado pelos rurais aos problemas enfrentados no campo. O campo foi caracterizado como o espaço definido pela falta de oportunidade de empregos e por uma

concepção de trabalho caracterizada pela penosidade e pelo baixo retorno financeiro, devido às dificuldades relacionadas à produção e comercialização dos produtos agrícolas. Segundo Rye (2006), junto à imagem idílica do campo coexiste uma imagem negativa, não tão expressiva, mas que associa o campo à ideia de tédio, do não moderno, da deficiência de oportunidades e como um lugar em que as pessoas trabalham muito e ganham pouco. Esse fato pode ser visualizado por meio das categorias: roça, difícil, emprego, vender, conseguir e dinheiro que apareceram nas narrativas dos respondentes:

A pessoa da roça luta muito no tempo de colheita do café, tem uma dificuldade de apanhar aquilo no jeito e dá na hora de vender, aquilo sai quase de graça, parece que ninguém quer. Aí acostuma que a pessoa da roça fica querendo desanimar por causa disso. Os jovens ficam falando é em vazar fora, porque acha que na cidade é melhor que na roça, mas acaba não sendo, por muito ruim que a roça é, acaba sendo muito melhor que a cidade. (Respondente 5, idosa, 60 anos)

Na hora de vender o que produz, o produto da roça não tem bom preço, não é valorizado. O trabalho na roça é mais pesado, mais sofrido. Na cidade a pessoa consegue dinheiro, na roça dinheiro é mais difícil. (Respondente 28, adulto, 50 anos)

Rambaud (1973) percebeu que o trabalho possuía lugar central na valoração atribuída às mudanças que ocorreram no campo. Segundo destaca o autor, as representações dos rurais não eram marcadas pela presença do desemprego, mas, antes, o trabalho era representado como um atributo da vida citadina no campo. O campo era visto por eles como o lugar do trabalho, um lugar onde sempre se tinha o que fazer. Por isso, também, o trabalho no campo era tido como penoso, pois a todo o momento haveria o que fazer, não existindo, ao contrário da cidade, o tempo do descanso ou do lazer. Assim, a imagem que os rurais constroem do trabalho urbano revela a cidade como um lugar no qual se pode observar a separação entre o *tempo de trabalho* e o *do não trabalho*, enquanto no campo isso não estaria presente. A cidade, nessa perspectiva, seria mais atrativa quanto ao trabalho pela oportunidade de renda fixa e por ser tida como um lugar onde o trabalho seria mais leve. Outros pontos valorizados em relação à cidade foram: o fato de perceber a cidade como tendo atividades de lazer, oportunidades de crescimento profissional e educacional, bem como a consideração de que na cidade, a solidão seria menor que no campo, pois haveria festas que criam animação, distrações e facilidades de encontro, como se pode observar nas narrativas seguintes:

Tédio, porque na cidade sempre tem mais movimento, na roça dá solidão. (Respondente 1, idoso, 62 anos)

Não tem mulher na roça mais, as moças da roça acabou tudo, não tem movimento, as coisas são paradas. (Respondente 72, jovem, homem, 27 anos)

Assim, no que diz respeito ao tema trabalho, as representações de campo e cidade apontaram para uma visão mais pessimista do campo, quando o tema era trabalho e futuro. Já outras representações do campo foram marcadas por um caráter mais ambíguo, como a caracterização do ambiente de vida como tranquilo; por outro lado, a agricultura era vista como dando pouco retorno financeiro. Também a cidade foi considerada pelos rurais de forma ambivalente. Por exemplo, nos estudos de Raymond Williams sobre as representações de campo na Inglaterra, a cidade aparecia associada à ideia de centro de realizações, de saber, de comunicação e luz. Mas, havia também as associações negativas. A cidade era tida como lugar de barulho, mundanidade e ambição, enquanto o campo era tido como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Percebe-se, assim, que as representações relativas ao campo e a cidade, bem como ao urbano e ao rural, podem ser pensadas como categorias relacionais que operam e organizam um sistema de interdependência constitutiva e funcional. De fato, há nesse universo simbólico a coexistência de diferentes imagens, ambas relacionais (CAMARANO, p.6, 1999). Rambaud (1973) interpretava a representação social acerca da cidade e do campo, dentro de uma perspectiva durkheimiana, concebendo-a como a imagem que os rurais faziam das vantagens e inconvenientes de outra cultura. Embora o autor reconhecesse que a representação dos rurais sobre a cidade era instrumental e por vezes até mesmo deformada, ele acreditava que os conflitos de imagens por eles manifestados expressavam as tensões existentes entre os valores dos diferentes grupos sociais, permitindo

explicar por que a sociedade rural aceitava ou recusava algumas transformações. Essa maneira de recriar a realidade por meio dos posicionamentos reflexivos das pessoas que vivem no campo, com suas implicações e interfaces será desenvolvida na próxima seção.

A imagem reflexiva do campo

A imagem espontânea do campo buscou apreender as representações dos rurais sob a perspectiva daquilo que se encontrava consolidado em termos de valores e visão social de mundo. Enquanto isso, as respostas reflexivas buscaram analisar o significado das representações dos habitantes do campo conforme o seu nível de concordância frente a algumas assertivas, em uma escala de 1 a 5, em que 1 significava ‘discordo totalmente’ e 5 ‘concordo totalmente’. Os rurais manifestaram *concordância total* (Tabela 1) com as assertivas referentes à vida cotidiana, tais como: “os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade” e “os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural”. A mesma avaliação foi encontrada frente afirmações que se referiam a julgamentos de valor: “As pessoas da roça também fazem parte da cidade”, “O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade”; “assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural”, dentre outras.

Tabela 1: Nível de concordância total com assertivas sobre a representação reflexiva do campo.

Assertivas	Concordo totalmente
Os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade	95,7%
Os equipamentos comprados na cidade facilitam o trabalho na zona rural	93,6%
As pessoas da roça também fazem parte da cidade	92,6%
Os alimentos comprados na cidade tornam mais fácil o preparo das refeições	83%
O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade	78,7%
A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet	74%
Assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural	68,1%
O modo de trabalhar na zona rural estava parecido com o modo de trabalhar na cidade	53,2%
As casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade	52,1%

Fonte: Inquérito por questionário semiestruturado, realizado no município de Araponga, MG.

As respostas reflexivas confirmaram a imagem que os rurais faziam do campo, enquanto espaço que vem sendo marcado por transformações sociais, culturais e em sua estrutura produtiva. Quando se observa a importância atribuída à compra de TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação), a proximidade com o modo de vida urbano se torna evidente. Aproximadamente, 74% dos respondentes concordaram com a afirmativa “A ida a cidade desperta o interesse de comprar celular, computador e usar a internet”, como justificado pelo respondente: “O celular ajuda demais, ele faz uma desordem, na mesma hora que você está aqui, você está em São Paulo” (Respondente 4, idoso, 68 anos). O celular é mencionado como um dispositivo capaz de proporcionar muitas utilidades, tais como: o contato com familiares distantes, esbater o sentimento de solidão, gerir o cotidiano, saber notícias de modo mais rápido, dar recados (MELRO, 2013, p.381-382). O celular oferece comodismo por facilitar contatos virtuais, evitando deslocamentos para encontros presenciais ao transpor fronteiras.

A afirmação ‘assistir televisão e escutar rádio muda o jeito das pessoas que vivem na zona rural’ também obteve concordância total de 68,1% dos respondentes. Apesar do crescente uso e inovações das TIC’s na atualidade, o rádio e a televisão ainda permanecem presentes no cotidiano das sociedades rurais. Essas mídias, mesmo que mais tradicionais, exercem grande influência na difusão de representações sociais tanto do campo, quanto da cidade. Tal fato reforça a perspectiva de que o uso e o significado atribuído aos meios de comunicação se constituem em um bom indicador das transformações do modo de vida rural, como elucida Fraga et al (2017). Em relação ao trabalho, a imagem que os respondentes criaram da relação entre o campo e a cidade revelou um sentimento de subordinação e exploração: 78,7% dos respondentes expressaram a sua total concordância em relação à afirmativa ‘O dinheiro das pessoas da roça enriquece as pessoas da cidade’, expressa pelas falas:

Quando a gente vende aqui, vende baratinho, chega à cidade, eles vendem caro. Pra eles comprar, tem um preço, para vender é outro. (Respondente 25, adulta, 35 anos)

Tudo que colhe na roça, leva pra cidade. Na época das panha do café, esses comerciantes ficam tudo doido. Se café desse duas vezes por ano, povo ficava milionário. (Respondente 44, adulto, 57 anos)

Contudo, mesmo manifestando a percepção de formas de exploração nas relações de troca que estabeleciam com a cidade, os respondentes não se viam excluídos da dinâmica cidadina, antes, acreditavam participar na constituição das cidades, sendo que 92,6% concordavam totalmente com a assertiva: 'As pessoas da roça também fazem parte da cidade'. Rye (2006) advogou que rurais consideravam a cidade como um prolongamento de sua própria sociedade, como fazendo parte de um mesmo contexto.

A gente faz parte porque precisa muito dela, do mesmo jeito que eles precisa das coisas que a gente manda pra eles. (Respondente 18, jovem, homem, 17 anos)

Não é porque está lá na roça que está separado, a gente também faz parte da cidade. (Respondente 55, adulta, 42 anos)

Os rurais se sentiam parte da cidade e manifestaram sentir a influência dos hábitos urbanos sobre os seus. Frente à afirmação: 'Os alimentos comprados na cidade facilitam o preparo das refeições', 83% dos respondentes concordaram totalmente. Isso reforça a perspectiva de autores como Braga *et al* (2015), aos quais afirmam em seus estudos que o modo de vida rural vem incorporando traços do modo de vida urbano atuando inclusive, na resignificação dos hábitos alimentares tradicionais, como pode ser visto nas falas que se seguem:

A gente compra um frango lá, ele já vem praticamente pronto, no jeito. Agora na roça, a gente cria uns frangos de granja, aí tem que preparar, tem que matar, limpar, picar, aí eu acho que o alimento da cidade nesta parte facilita. Apesar dele vir gelado de lá, a gente não sabe o jeito que ele foi tratado. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Facilita muito, porque já vem arrumado, cozido, mastigado é só engolir. (Respondente 28, adulto, 50 anos)

A proximidade que os rurais manifestavam sentir em relação ao modo de vida urbano se revelou, ainda, na racionalidade produtiva, que os mesmos notavam penetrar o mundo do trabalho no campo. A introdução da tecnologia no trabalho agrícola foi um aspecto que beirou a unanimidade em termos de aprovação entre os rurais. Aproximadamente 94% concordaram com a afirmação de que 'Os equipamentos comprados na cidade facilitavam o trabalho na zona rural'. Segundo Candido (1997) as relações com base na produtividade passaram a se apoiar mais no conhecimento técnico-científico. Como visto no comentário seguinte:

Na roça, hoje, todo mundo tem uma maquininha. Difícil ver alguém voltando de serviço com enxada na mão. Se não ver uma zoeira é porque o povo não está na roça trabalhando. Toda maneira ajuda sim, folga demais, porque rende o serviço. (Respondente 62, idosa, 65 anos)

Apesar de o trabalho agrícola ser reconhecido como tendo incorporado a tecnologia vinda da cidade, adquirindo menor penosidade, 53,2% dos respondentes discordaram da afirmação de que 'O modo de trabalhar na zona rural estava parecido com o modo de trabalhar na cidade', por considerarem que o trabalho no campo estava em uma posição inferior quando comparado à cidade:

Na cidade, as pessoas trabalham no computador, só de boa. Na roça, mesmo quando a gente trabalha usando uma máquina, é um trabalho muito mais difícil, sofre mais, trabalha debaixo de sol, chuva, poeira, é bem diferente do da cidade. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Na roça, trabalha de qualquer maneira, põe um boné na cabeça e parte. Na cidade tem que ficar aprontando, tem que sair arrumadinho para o serviço. (Respondente 68, jovem, mulher, 29 anos)

Se em relação ao trabalho, as diferenças entre o campo e a cidade foram avaliadas de forma contrastantes, em relação ao acesso aos meios de transporte, os rurais consideraram estar havendo

uma aproximação do seu modo de vida em relação ao dos cidadãos. Aproximadamente, 96% dos rurais concordaram com a afirmação, 'Os meios de transporte diminuem a distância entre a zona rural e a cidade', justificando a sua concordância com falas como as que se seguem:

Por que facilitou bastante, hoje todo mundo tem um modo de condução para ir. Tem o ônibus que leva e que busca na cidade, o modo é mais fácil um pouco para sair, mesmo quem não tem condução própria para ir. (Respondente 6, jovem, homem, 26 anos)

Carro e moto aqui está a mesma coisa que na cidade, tem o mesmo movimento. (Respondente 32, idosa, 70 anos)

Silveira *et al* (2015) apontou que a percepção dos rurais em relação à cidade tinha caráter relacional. A sua identidade não negava a utilidade da cultura urbana e dos serviços citadinos, mas expressava, também, o reconhecimento da diferença entre o modo de vida na roça e na cidade. Conforme Bonomo (2013), as antinomias que operam nos princípios organizadores das representações de rural e cidade fornecem evidências de sua interdependência constitutiva e funcional. A própria sociedade rural, por meio do seu imaginário, expressava sentir o seu vínculo com a realidade citadina, em função das experiências entre os dois universos. Essa afirmativa clarificou-se nas respostas obtidas de forma reflexiva, quando um expressivo segmento dos rurais, manifestou a percepção relativa ao gradual processo de aproximação entre o modo de vida urbano e rural. Aproximadamente 52% dos respondentes disseram concordar totalmente com a assertiva de que 'as casas da zona rural estão parecidas com as casas da cidade', como justificado pela respondente:

Mesmo quem está na roça, hoje, questão de alimentação, vestimenta, boa morada, está mais parecido com a cidade. Já foi o tempo que as casa na roça era ruim, povo andava mal vestido, comia o que tinha em casa. Mas, agora virou moda, de primeiro as coisas eram bem grosseiro, simples, hoje ninguém fica pra trás. O povo está sempre melhorando mais, porque você traz o conforto pra roça. (Respondente 62, idosa, 65 anos)

O exame da informação disponível reforça as múltiplas experiências nas quais a sociedade rural vem passando em decorrência do processo de estreitamento dos contatos entre o campo e a cidade. Tanto as representações sociais espontâneas quanto as reflexivas permitem decifrar o olhar dos rurais diante da organização socioeconômica e cultural do espaço em que estão inseridos e desse em relação a outros, por meio das suas linguagens do cotidiano. Não obstante, o imaginário rural discutido neste trabalho rompe, em certa medida, com teorias do rural idílico, dentro de uma visão romântica que erigia o rural como o exótico e o singular. A densidade de informações relativas aos valores simbólicos e visões de mundo explicitam essa noção.

Considerações finais

A análise das representações sociais sobre a relação campo-cidade foi o foco analítico adotado neste trabalho para a compreensão das intensas interações estabelecidas entre o rural e o urbano. As grandes transformações socioculturais que estão em curso na sociedade rural contemporânea se constituíram no pano de fundo deste trabalho. Essas mudanças revelam os contornos de uma sociedade em intensa troca material e imaterial com o espaço citadino. As representações coletivas dos moradores do campo apresentaram-se como recurso investigativo à análise das apropriações, tensões e contradições relativas ao campo, reconhecidas pelos seus próprios habitantes, de modo espontâneo e reflexivo. Esses residentes rurais de um pequeno município de economia cafeeira, ao serem questionados sobre suas experiências cotidianas, realçaram aspectos positivos: a proximidade com a natureza, autonomia, capacidade de se autossustentarem, dentre outros. Quanto aos seus aspectos negativos, apontaram a falta de oportunidades de formação profissional, emprego e acesso a serviços. Contudo, a imagem positiva do rural é mais forte que a associada ao tédio (negativa).

Os resultados obtidos mostraram que na avaliação dos rurais entrevistados, a vida de hoje que era percebida como tendo melhorado em relação a do passado. Não se apresentaram, assim, representações marcadas por cisões que pudessem apontar para a percepção de qualquer segregação socioespacial por parte dos rurais. Esses se sentiam parte da cidade e interpretavam as

melhoras na sua vida no campo como agregando aspectos significativos da sua integração à vida cidadina, tal como se observou por meio das representações relativas ao estudo e ao consumo. Todavia, a vida no campo também foi avaliada como sendo marcada por aspectos negativos, como aqueles associados ao trabalho e a infraestrutura viária, principalmente.

Nessa mesma direção, a representação social que se impõe a partir dos marcos aqui expostos reconhece que a experiência urbana trouxe mudanças ao modo de vida rural, tendo a vida no campo melhorado em detrimento das condições de outrora. Nesse ínterim, os habitantes do campo compreendiam que o par dialético, campo – cidade constituíam espaços articulados e interdependentes, manifestando sentir a influência dos hábitos urbanos sobre os do campo, principalmente pelo consumo dado pela melhoria das condições do domicílio, do acesso aos meios de transporte e informação, como também pelo desenvolvimento de atividades produtivas não agrícolas. Assim, a representação do campo não pode mais se reduzir ao agrícola.

O artigo que ora se apresenta buscou projetar o imaginário dos habitantes do campo como forma de refletir os anseios e as tensões recriadas na realidade rural, com suas implicações e interfaces. Portanto, os meandros das representações coletivas aqui exploradas podem contribuir na reformulação decisiva nos instrumentos de intervenção para o desenvolvimento dos espaços rurais.

Referências bibliográficas

ANJOS, F. S. dos; CALDAS, N. V. Da medida do rural ao rural sob medida: representações sociais em perspectiva. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.21, n.2, p. 385-402, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v21n2/0104-5970-hcsm-21-2-0385.pdf>. Acesso em: 18 out, 2015.

BOLFARINE, H.; BUSSAB, W. O. **Elementos de Amostragem**. São Paulo: Edgar Blucher, 2005.

BONOMO, M.; SOUZA, L.; MELOTTI, G.; PALMONARI, A. Princípios Organizadores das Representações de Rural e Cidade. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v.28, n. 1. 2013.

BRANDÃO, C. R. **“No rancho fundo”: espaços e tempos no mundo rural**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. **Textos para Discussão**, n.621. 1999. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0621.pdf. Acesso em: 27 abr, 2013.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus modos de vida**. 8ª ed. São Paulo: Ed 34, 1997.

DURKHEIM, E. **Representações individuais e representações sociais**. In: Sociologia e Filosofia. São Paulo: Ícone, 1994. p. 9-54.

DUVEEN, G. Introdução: O poder das ideias. In: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2004. p.7-28.

FRAGA, K. L; FIUZA, A. L.C; SILVA, J. F; MOTTA, J. A. A relação das sociedades rurais com o rádio na contemporaneidade. **Espacios**, Caracas, v.38, n.4, p. 19. 2017. Disponível em: <http://www.revistaespacios.com/a17v38n34/a17v38n34p19.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2017.

JODELET, D. **As representações sociais**. Tradução, Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MELRO, A. L. R. **Gerações de Ecrã em meio rural – estudo dos novos media no quotidiano rural português de três gerações**. Tese de doutorado defendida no Departamento de Comunicação e Artes da Universidade de Aveiro. Portugal, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes. 2010.

PEREIRA, J. L. G. de. Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro: v. 12, n. 2, p. 322-352. 2004. Disponível em: <http://r1.ufrjr.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/253/249>. Acesso em: 19 jun. 2013.

RAMBAUD, P. **Société Rurale et Urbanisation**. 2ª ed. Paris: Ed. du Seul, 1973.

RYE, J. F. Rural youth's images of the rural. **Journal of Rural Studies**, v.22, n.4, p. 409-421. 2006. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0743016706000040>. Acesso em: 13 mai. 2013.

[SILVEIRA, L. N.](#); FIÚZA, A. L. C; [SILVA, D. M.](#); MAFFRA, R. Roça, uma marca registrada: o processo de valorização do rural na sociedade brasileira. **Por Extenso: Boletim de Pesquisa do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural**, v. 7, p. 154-162. 2015.

VEIGA, J. E. A dimensão rural do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 71-94. 2004. Disponível em: <http://r1.ufrrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/view/246/242>. Acesso em: 27 out. 2010.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.